# REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

## N.º 3.

ESTE JORNAL SAHE TODAS AS QUINTAS FEIRAS. ASSIGNA-SE PARA ELLE NAS LOJAS DO COSTUME, E NO ESCRIPTORIO DA REDACÇÃO, TRAVESSA DA VICTORIA N.º 29, ESQUINA DA RUA DOS DOURADORES POR 12 NUMEROS 480, POR 24.... 960, POR 52.... 1920 REIS.

QUINTA FEIRA 20 DE JANEIRO DE 1842.

*A relação da Revista Universal aceita, agradece, e publica toda e qualquer noticia fidedigna e enteressante, que lhe seja enviada, mórmente as de que possa resultar credito, instrução, ou outro qualquer aproveitamento, para portuguezes.*

*Roga-se aos Senhores Assignantes de Lisboa que não entreguem quantia alguma aos distribuidores, senão contra o competente recibo.*

## DIARIO METEOROLOGICO DESDE 12 ATÉ 18 DE JANEIRO DE 1842.

| Dias do mez. | Termom.º Exterior. | | Barometro. | | Pluvimetro. | Ventos dominantes e sua força. | ESTADO DA ATMOSPHERA. |
|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | Min.º | Max.º | 9 h. m. | 3 h. t. | | | |
| 12 | 52º | 32º | 761,0 | 758,9 | | NE. SO | Gelou de noite. — Cl.º e nuvens — Cob.º de tarde: muito frio de manh. e muito de t. |
| 13 | 58 | 48 | 54,2 | 57,2 | 11 | $^{3}$O. $^{1}$NO | Chuva abundante de manh. — Claro e algumas nuvens: tepido e muito humido. |
| 14 | 57 | 48 | 56,2 | 50,0 | 15 | $^{4}$SO. O$^{4}$ | Chuva continua: tempestade, e tufoes: extremamente humido. |
| 15 | 55 | 50 | 57,4 | 59,4 | | $^{4}$NO. N$^{2}$ | Tempestade na madrugada — Cob. e claro — Claro limpo: frio e muito secco. |
| 16 | 56 | 44 | 64,4 | 65,1 | | O.$^{2}$NO | Cob.º e nevoeiro no horis. — Cl.º, frio, e vent. |
| 17 | 53 | 39 | 70,3 | 69,0 | | N | Claro, frio e muito secco. |
| 18 | 53 | 43 | 67,0 | 63,5 | | $^{2}$N | Id. Id. |

Observações. Os frios rigorosos e insolitos que dominárão na 3.ª quadra do presente mez, terminárão na tarde de 12, passando o vento ao SO; seguindo-se dois dias chuvosos com forte tempestade e tufões de vento de travessia, de que resultárão algumas avarias no Tejo, e nos campos, principalmente em Cintra, aonde fizerão grande estrago nos edificios, e arvoredos.

M. M. F.

## IMITAÇÃO DO VINHO DE MALAGA.

25 Muitos meios ha de dar aos vinhos ordinarios certa apparencia por meio de tempêros, que os assemelha aos de melhor qualidade, e de grande preço. Alguns destes meios estamos nós tão longe de os aconselhar, que antes, se podéramos, os fariamos esquecer, ou ignorar; pois que ha ahi confeições nocivas, e ingredientes muito ruins para a saude. Outros porém são innocentissimos; e porque sem prejuizo, nem risco, nos dão gosto e recreio ao paladar, havemos, que em os ensinarmos

não pode caber escrupulo; pois estamos seguros, que nunca a imitação será tanto ao vivo, que com ella possa alguem armar dólo em os contractos de venda cavilosa. O modo de confeiçoar um bom vinho, qne arremede o de Malaga, é tomar uma porção de vinho branco ordinario, mas puro e são, e dissolver-lhe dentro assucar mascavado na razão de duas onças por canada: na mesma proporção se lhe deitão duas colheres d'agua ardente de vinte dous graus, e uma colher d'agua d'alcatrão. Sendo tudo bem misturado, se deve coar o vinho por panno muito tapado, ou por papel pardo; e depois se engarrafa com cuidado. Passados oito dias se póde usar d'este excellente vinho; nem faça duvida a pequena quantidade d'agua d'alcatrão, que, com ser ainda muito maior, não faria damno algum ao estomago; porque apenas leva um pequeno cheiro comsigo, que entra em combinação com o vinho, e não póde ser nocivo.

F. M. P. S. N.

## PANNOS NOVOS FEITOS DE PANNOS VELHOS.

*Chemillé.*

26 O titulo d'este artigo bem claramente está mostrando que se o seu contheudo não fôr uma fabula, deve ser assumpto de grande e geral interesse; mas não é uma fabula.

Quasi todas as materias que o homem emprega em seus diversos usos, têem, álem do seu prestimo principal, outros prestimos secundarios. Os animaes, e vegetaes de que nos nutrimos, primeiro fecundaram, e aformosearam a terra, á qual, depois de decompostos, vão restituir novas forças productivas; as madeiras que, transformadas em casas, nos abrigam, ou nos transportam rapidamente pelos caminhos de terra, e mar, primeiro foram galla, e saude, nos campos, e montes, depois ministram o fogo ás nossas precisões e regalos, depois ainda, com suas cinzas, lá voltam a enriquecer a mãe commum.

O linho, e algodão, depois de nos haverem amaciado o leito, e defendido as carnes contra os calores, e frios, das oppostas estações, já se transformão em esplendidas laminas, destinadas a immortalisar o pensamento humano, e a sabedoria das edades. Só a lã, d'entre todas as materias proveitosas, parecia condemnada a não sobreviver a si mesma. Despida da ovelha, logo que a suavidade da primavera lh'a tornou superflua, e convertida pela industria em vestidos preciosos para o homem, a lã passa do serviço dos ricos, e do lustre das assembléas, a perecer despresadamente sobre o corpo dos domesticos, dos indigentes, dos mendigos, e ahi termina a sua curta odyssea; mas — e a que não chega a industria dos nossos dias? — hoje a lã, ainda depois de gasta, e dilacerada do uso dos vestidos, póde ressuscitar — e ressuscita — não sob um nome diverso, não para outros, e mais humildes empregos, mas para continuar, como d'antes, a cobrir, e ataviar o homem.

Chamamos toda a attenção dos nossos fabricantes de lãs, entre os quaes muitos ha poderosos, instruidos, e emprehendedores, para a seguinte noticia que do *Memorial Encyclopedico* de Novembro passado, trasladamos: Bernier foi deste methodo o industrioso inventor. Em Chemillé (Departamento do Maine-et-Loire) estabeleceo a primeira fabrica, aonde assim se começou a dar uma nova vida, um novo brilhar, um prestimo interminavel, á lã. Os farrapos, que, de gastados já não podem ser de uso nem para o mendigo mais lazarento; os trapos despresados por todos, e condemnados á podridão, alli entrão como preciosa materia, e de toda a valia, para este novo genero de industria; depois de limpos tornão a ser macerados, desfiados, e inteiramente desfeitos por meio de engenhosas machinas; e reduzida toda a casta de lanificio a uma materia igual, fica disposta e apparelhada para qualquer óbra, e passa a ser cardada, e fiada, segundo o para que a destinão, ressuscitando por esta fórma em nova vida, muitas vezes mais luzida, e brilhante, que a anterior, em que já era reputada consumida e morta. De tão util e nova industria correo logo fama, como era natural aonde qualquer, ainda de pouco valor, não morre ao desamparo; senão que é animada, para que cresça, e se desenvolva. Não tardou a Sociedade Industrial d'Angers em mandar alli uma junta, ou *commissão*, dos seus membros mais entendidos, e experimentados na materia: tudo foi miudamente examinado; correram rodas, trabalharam machinas, jogaram engenhos, desfiaram-se trapos, cardaram-se frócos, fiou-se a lã, urdiram-se e tramaram-se têas; e sem levantar mão do trabalho, tudo passava a um tempo com a maior velocidade e armonia. Trinta e dois obreiros, pela maior parte rapazes, eram bastantes (tal era a ajuda das machinas!) para darem aviamento a tão aturado, e variado trabalhar. Passou depois a commissão a examinar os diversos productos desde a lã cardada até ao mais fino tecido; pannos de

differentes qualidades, cazemiras, baetilhas, e outras drogas de muito uzo; e quanto ahi havia mereceo grandes gabos, já pela perfeição, e qualidade, da fazenda; já pelo modico preço por que se ella vende; sendo por isso incalculavel o beneficio, que por tal industria vai principalmente aos pobres; que, do que já nem para elles tinha serventia, se podem novamente enroupar, e vestir com decencia, e louçania, com pouca despeza.

Conclue o relatorio da commissão sollicitando da Sociedade Industrial toda a protecção possivel a favor de Bernier, e dando todos os merecidos louvores a uma tal industria, que na verdade é digna do paiz aonde nasceo, e merece ser imitada em qualquer outro, aonde sua fama possa chegar. E pois que assim o entendemos, e muito o desejamos, não choraremos como perdido o tempo, que em taes assumptos despendemos.

F. M. P. S. N.

## FELTRO OU PANNO NÃO TECIDO.

### FRANÇA. PORTUGAL.

27 MALAVENTURADO tem de ser o paiz, aonde a industria necessita envergar armas para se defender da crua guerra, com que a perseguem! Infeliz, e mil vezes infeliz, é o povo, de cuja simpleza se abusa a toda a hora, para o encantarem nas tristes illusões de sonhada ventura, de progressos phantasticos, e do falso luzir de loucas esperanças; em quanto seus verdadeiros interesses são menoscabados, sua creação represada pelo obstaculo das opiniões encontradas, suas vantagens reaes, seu unico progresso, combattidos deslealmente! Uma sorte avessa, uma triste mofina, estão malfadando este paiz, e triste povo, e o trazem de continuo fascinado, e com palavras tão feiticeiras, e de tão máo quebranto, que esse desgraçado povo fica cego, e aleijado: não ha verdade, que não padeça estudadas e acintosas duvidas; não ha industria que o mova, nem artes que o chamem ao trabalho: questionam-se como duvidosos os meios mais provados, mais evidentes, e os unicos da publica prosperidade; escogitam-se pretextos, embora sejam leves; publicam-se considerações inconsideradas, forjam-se semrazões para maldizer os mais avantajados productos da industria, que deveram ser abençoados, e protegidos. Desgraçado paiz (não cançaremos de repetil-o) aonde não ha encontrar a piedade civil, a religião social, para assim o dizermos, que levante altares á divindade conservadora, á industria, ao trabalho, e ás artes: nem se ouvem prégadores zelosos d'esta missão sancta, justa, e que devêra reunir em um só corpo, em uma fé, em uma constante vontade, todos os individuos de qualquer classe, e de qualquer opinião politica! Um tal paiz será sempre dividido; as commodidades, o bem estar, os interesses são sentimentos particulares, e individuaes, desvairados em seus estimulos, oppostos em seus fins, e sempre repugnantes e encontrados em seus caminhos; deste sentir particular, deste querer cada qual para si só, deste trabalhar pelo sordido lucro d'um dia e d'um individuo, deste maldito interesse sem nexo e sem relação, nem um apice se sacrifica ao mais evidente bem publico, ao melhoramento commum da sociedade: e bem ao revez, em logar de sacrificios se lhe fazem affrontas e dizem-lhe blasfemias, e lanção-lhe maldições.

Será difficil — e, apertando mais o nosso dizer, affirmamos, que será impossivel — encontrar alguma outra prova mais clara deste nosso máo fado, desta desventura, do que nos vamos lamentando, do que nos ditos, e (o que é ainda dobrada vergonha nossa) nos escriptos, que por ahi vão, contra os novos pannos fabricados de feltro, e que principiam a ser imitados por artifices portuguezes, segundo nos consta. E' este invento por toda a parte aonde tem chegado sua noticia, muito louvado, e encarecido por todas as fórmas: chegou a ser imitado em Portugal, e por ventura com tal estréa, que já dava mostras da perfeição, a que deveria chegar; logo houve quem tomasse á sua conta levantar clamores para deprimir o seu merecimento; e tão céga, e obstinada guerra se lhe moveu, e com taes armas, que não haverá por ahi mendigo coberto de miseria, e trespassado de frio, que queira trocar os pobres farrapos, que traja, por um luzido vestido de panno tão empéstado, que sómente vel'o impede a transpiração, e produz lepra mortal, e outras enfermidades mui perigosas; e tudo isto sobre ser elle, por sua qualidade, de nenhuma duração, e de tão falsa apparencia, que a mais leve humidade o disfaz. E' por certo uma grande recommendação, que não só affastará o Governo de toda a idéa de protecção a este novo producto da industria, senão que fará condemnar ao fogo, e a inteira destruição, as fabricas, e officinas, aonde tamanha peste se fabrica. E' isto o que se diz e o que se escreve em Portugal, contra esta qualidade de pannos. Vejamos agora o que dizem, e como pensam, os homens mais entendidos d'outros paizes, e particularmente da França, aonde, segundo noticias temos, não são mui-

to inferiores aos nossos conhecimentos physicos, chymicos, artisticos, economicos, medicos, cirurgicos, e hygienicos, para que assim possa reinar illusão tão damnosa á vida, á saude, ás artes, e á fazenda. Não é pouco authorisado o jornal francez (o *Tempo*) donde vamos extrahir uma pequena parte (mas que vem ao pedir por bocca para o nosso caso), e que só chamamos pequena em relação ao artigo dedicado aos louvores deste descobrimento tão admiravel, e util.

Quando apparece um novo invento (diz o Tempo) capaz de produzir uma grande mudança no exercicio das artes industriaes, não deve maravilhar-nos o vel'o julgado por diversas, e encontradas fórmas, segundo o favor, e desvantagens, que nelle se antolham aos julgadores.... D'aqui nasce uma injusta guerra, que empece o desenvolvimento, e muitas vezes malogra ainda em flôr um precioso, e grandissimo descobrimento. que deverá ser animado. Porem se nelle ha uma utilidade tão evidente, que nem a lingua mais blasfemora ousa maldizel'a; se os melhoramantos, e vantagens, que traz comsigo á industria, entram á viva força pelos olhos d'aquelles mesmos, que se dóem de seus interesses perdidos por essa via, e que levam grande pena em tal propagação; então não ha obstaculo possivel, que se opponha a esse feliz descobrimento, e sua adopção tem de ser facil, rapida, e geral. Eis-aqui o que tem acontecido ao novo methodo de fabricar lanificios de feltro sem necessidade de fiar, e tecer a lã... Ainda antes que um jornal demonstrasse por meio de raciocinios, e calculos evidentes, as grandissimas vantagens deste methodo, e a perfeição de tal fabrico, eram já coisas tão conhecidas, e tão a olhos vistos, que nenhuns havia tão cegos, e tão cerrados, aonde não penetrasse a luz de tamanha evidencia; nem espiritos tão perdidos pela opinião antecipada, que se atrevessem a negal-a... De toda a parte acudiu um sem numero de julgadores competentes; os sabios mais distinctos, os artifices mais experimentados, os economistas de maior nome, os fabricantes de pannos de toda a França; e posto que grande parte viria mordida da emulação, nem um só houve, que depois de ver a grande fabrica de Suresne, não ficasse encantado do novo prodigio de industria, e convencido das suas extraordinarias vantagens. As machinas alli empregadas são d'uma simplicidade admiravel; o numero dos operarios diminue na rasão de quinze por quarenta; o tempo necessario para obter uma quantidade igual de productos é cento e oitenta vezes menor do que o absolutamente empregado pela antiga maneira de fabricar a fio, e teia, o capital sufficientissimo para o maneio, e despezas desta fabrica, é vinte vezes menor... Um tão prodigioso invento seria hoje geralmente substituido em toda a França ás antigas fabricas, se delle não houvesse alcançado um privilegio exclusivo a sociedade geral deste paiz; não que d'elle queira fazer monopolio, e por sua conta fornecer de todos os necessarios productos a esta nação, como nós julgamos, mas para regrar as concessões particulares, que hão de ser feitas aos fabricantes. — Nem mais uma palavra ajuntariamos ao que nos diz um tal papel, e de tão illustrada Nação, se não entenderamos, que deveriamos terminar este longo artigo pedindo venia da prolixidade, que nelle houvemos, mórmente aos leitores, que se agastam com taes artigos; declarando-lhes, que se faltassemos com este fraco auxilio á industria do nosso paiz em tal aperto, em que a estamos vendo combatida, nós mesmos nos julgariamos criminosos, e nossos remorsos nos fariam calar para sempre, desamparando de corridos o honroso posto, que não souberamos defender, e no qual nem d'atalaia, e sobreroldа poderiamos permanecer de futuro. Foi nossa consciencia, e o apreço que fazemos de nosso dever, quem nos deu, e augmentou os animos; e se nelles ha calor demasiado, é devido á materia, que de demazias cria zelo, e amor.

F. M. P. S. N.

## MODO DE ZINCAR O FERRO, E SUA UTILIDADE.

### FRANÇA. INGLATERRA.

28 Os physicos e chymicos da Inglaterra, e da França, trabalham á porfia na maneira de preservar os metaes, especialmente o ferro, da oxidação, ou ferrugem: e para o conseguirem, lembrando-se do que viram nas pilhas galvanicas mergulhadas, téem tratado de pôr sempre dois metaes differentes em contacto, afim de separar por este meio os dois principios, em que se decompõe a electricidade, pois julgam que, separados elles, não será possivel a combinação do oxygenio da agua, ou do ar, com os metaes, e se evitará por conseguinte a oxidação. *Sorel*, *Davy*, e os seus partidarios, têem sido os mais perseverantes seguidores desta doutrina, por elles chamada *galvanisação dos metaes*, a qual, posto que nem sempre tenha apresentado resultados completamente satisfactorios, tem dado todavia grandes passos no caminho do melhoramen-

tos sobre tal assumpto, ainda hoje controverso, e que reputamos de summa utilidade para as artes. Contentar-nos-hemos por em quanto com apresentar a applicação desta theoria a um processo, cuja efficacia, e utilidade, são já pela experiencia demonstradas; fallamos no contacto, ou união, entre o ferro e o zinco, cobrindo aquelle com este, como ha muito se costuma praticar com o estanho.

1.°— Limpa-se o ferro com muito cuidado, mergulhando-o para este effeito em acidos diluidos, ou aguas aciduladas. Cem partes, em peso, d'agua, e 9 d'acido sulfurico (oleo de vitriolo, a 66° do pesa-acidos) é uma boa preparação para limpar o ferro. O tempo que este deve estar no liquido, varia entre 12 e 24 horas, conforme a quantidade que tiver de ferrugem; deve-se-lhe tirar a mais insignificante porção.

2.°— Lava-se depois, e passa-se rapidamente por um banho d'acido hydrochlorico a 15°; e põe-se em uma estufa até seccar completamente.

3.°— Mergulham-se depois as peças de ferro que se querem zincar, dentro do zinco derretido; tendo primeiro cuidado de cobril'o no logar em que se vai fazer a immersão, com sal ammoniaco moido, e de polvilhar tambem com o mesmo sal as peças de ferro que se vão mergulhar.

O tempo que deve durar a immersão varia na rasão da grossura das peças de ferro. As folhas delgadas devem passar pelo banho com rapidez; os objectos grossos precisam de alguns minutos: em geral, é necessario deixal'os mergulhados em quanto produzirem vapor.

4.°— Esfregam-se os objectos arrefecidos em uma mistura de serradura e arêa, a fim de os limpar da camada d'oxido de zinco, que se formou pela acção do oxygenio do ar, á saída do banho, com a ajuda do calor. Antigamente tirava-se este oxido, por meio de uma immersão dentro d'agua fria, logo que o objecto saía quente do zinco; mas esta têmpera fazia o ferro muito aspero, e susceptivel de quebrar-se, e oxigenava-se o zinco á custa do oxygenio da agua.

Tal é o processo para zincar o ferro. A vantagem que resulta desta operação é preserval-o contra a ferrugem, ou elle esteja em contacto com a agua, ou com o ár, e isto pelo espaço de muitos mezes; o que se comprovou por experiencias ultimamente feitas por varios chimicos dos mais acreditados.

F. A. M. P.

*Nota.* Não hesitámos em inventar a palavra *zincar*, por não haver nenhuma portugueza que exprima a idéa que pertendemos denotar. Se ao effeito produzido pela applicação do ouro ou prata sobre outro metal se dá o nome de dourado, ou prateado, pareceu-nos que, por analogia, se devia dar o de *zincado* á applicação do zinco sobre outro metal.

## VERNIZ PARA FERRO.

**FRANÇA.**

29 A côr natural do ferro, ainda do mais brunido, é sempre escura, e de pouca duração: muitas das peças que deste metal se fazem, perdem logo com o uso toda a graça, e se tornam desagradaveis á vista. Ha um meio de lhes dar certo verniz, muito barato, e de boa apparencia.

Limpa-se muito bem a peça, que se quer envernizar, e por fórma que fique enxuta. Está sobre um fogo de carvão, que não seja nem activo, nem demasiadamente lento, uma folha, ou chapa de ferro, sobre a qual se lança uma pequena quantidade de sal ammoniaco; tanto que principia a evaporação, levanta o sal grandes rolos de fumo claro: neste fumo está o verniz; para obtel'o, expõe-se a elle a peça, que tem de ser envernizada, e se vai virando para todos os lados, até que fique toda coberta de côr branca: aqui é necessario que haja todo o cuidado, em que esta côr appareça por igual, e que lhe não bulam ao menos por dois dias: passado este tempo, já a primeira côr está mudada em um castanho claro; toma-se então um panno encerado, e com elle se vai correndo a superficie envernizada; logo se faz o mesmo com um panno de lã secco, e até se póde brunir por algum outro meio, comtanto que não vá arêa, ou coisa, que possa raspar, e riscar. Um grande proveito vem d'este facilimo verniz, álem da graça, com que fica o ferro; porque em quanto dura a côr, que não é por poucos annos, não haja medo, que ahi entre ferrugem: pelo menos assim o affirmam os que o têem experimentado.

F. M. P. S. N.

## PRECIOSIDADE

**PARA INNUMERAVEIS PESSOAS.**

*Myotomia applicada ao tratamento da myopia (vista curta).*

30 Atenetomia, e myotomia, como todos os descobrimentos uteis, encarniçadamente combatidas á nascença, chegou-lhes por seu

turno a época do enthusiasmo, e até do fanatismo; alternativas porque de ordinario costumam passar todas as idéas novas, que por suas brilhantes applicações dão na vista dos entendedores da materia. Assim, é raro o Jornal de Medicina moderno em cujas paginas se não encontrem factos demonstrativos das vantagens d'aquelles methodos operatorios; de modo que bem poucas são hoje as deformidades dependentes da retracção muscular convulsiva, em que não se hajam experimentado as novas operações, e por ellas conseguido magnificos resultados.

D'entre os numerosos defeitos do orgão da visão, não podia deixar de chamar a attenção um que, pela sua frequencia, e desvantagem que traz aos que o padecem, merecia a contemplação dos homens da arte, e tanto mais, quanto era um achaque, cujo tractamento se limitava a alguns cuidados hygienicos, e ao uso permanente de óculos de differentes gráos.

Ha tempo que Bonnet, de Lyão de França, se desvéla no tratamento d'esta enfermidade, havendo-lhe sido suggeridas as idéas a este respeito pela proposição de *Phillips*, *de cortar o musculo grande obliquo para curar a myopia*, e pela observação feita por elle, e por todos os que têem operado grande numero de estrabismos, a saber — *que a myopia, quando acompanha o desvio do olho, sára pelo córte dos musculos retrahidos.*

Depois de muitas experiencias praticadas em cadaveres, e em coelhos albinos, a fim de verificar varios pontos da physiologia da visão, convenceu-se de que a myopia era um resultado da compressão exercida sobre o olho pelos musculos obliquos, e que para se fazer cessar, seria bastante cortar estes em qualquer ponto da sua extensão, preferindo comtudo para dár o córte, a inserção do musculo pequeno obliquo, porque além de poder ser dividida com facilidade pelo methodo subcutaneo, reune a circumstancia de não ser cingida por nervo ou arteria. Para operar a secção do musculo, dá-se uma picada no meio da palpebra inferior; atravez da picada introduz-se um tenótomo rombo, cuja extremidade se dirige para traz e para dentro, tendo a precaução de lhe fazer seguir a parede inferior da orbita; depois de haver chegado a 3 centimetros de profundidade dirige-se para diante, até que se perceba por debaixo da pelle; então necessariamente tem apanhado a inserção do musculo pequeno obliquo, que facilmente córta, mórmente se houver o cuidado de dirigir-lhe o gume para baixo, e por diante do osso maxillar superior.

Este processo, que primeiramente foi experimentado em grande numero de cadaveres, acaba de pratica l'o Bonnet em alguns doentes, que em breve ficaram livres de tão incommoda molestia. Um d'elles, estudante de medicina, e com 22 annos de idade, era myope desde os 14 annos; fez-lhe Bonnet o córte dos dois musculos pequenos obliquos, e o resultado foi o que se segue: immediatamente depois da operação, o doente, que até ali só podia lêr a 15 centimetros de distancia, já lia á distancia de 27, e no dia seguinte á de 40 centimetros; antes de operar-se, não podia conhecer as pessoas sem pôr oculos (trazia-os habitualmente de n.º 6, e podia lêr com os de n.º 2); d'ahi a dois dias já as reconhecia sem elles, a mais de 20 metros; e podia lêr, a 7 ou 8 passos de distancia, letras de 5 centimetros de altura, quando d'antes as não distinguia, senão á distancia de 2 ou 3 passos.

Conclue por fim Bonnet, que a operação nunca é perjudicial, e deve aproveitar em todas as myopias não complicadas, mórmente naquellas que resultão da applicação da vista dos objectos mais pequenos muito proximos.

E nós concluiremos tambem exprimindo o desejo, de que tão simples e innocente operação seja tentada entre nós, onde infelizmente não faltão enfermos deste genero, e é de crer que esses trabalhos serão coroados dos mesmos felizes resultados que acompanharam as operações de estrabismo já em Portugal praticadas pelos Snrs. João Pedro Barral, e Francisco Martins Pulido.

*Geny*, e *Julio Guerin*, têem tambem empregado a myotomia para curar a myopia; mas em vez de cortarem os musculos pequenos obliquos, como faz Bonnet, cortão os musculos rectos internos e externos.

A. J. de S.

## EXPERIENCIAS

### *De Frapart sobre o magnetismo animal.*

**PARIS.**

31 A *Revista scientifica e industrial* traz o seguinte.

» Em os ultimos mezes do anno passado, continuava o célebre *Frapart* a demonstrar perante numerosos expectadores, em Paris, que os somnambulos vêem até atravez dos corpos opacos! *Frapart* é um dos mais exaltados apostolos do magnetismo; sustenta o sistema de Mesmer; e jurou que infundiria

convicção no animo de quantos o escutassem, embora incrédulos. Diremos em que as suas experiencias consistem.

Depois de adormecer um somnambulo, tapa-lhe os olhos com uma faxa de tafetá inglez; põe-lhe barro por cima, desde as faces até os sobrolhos; por cima d'este barro applica outra faxa de fazenda preta, a que dá muitas voltas, e cobre-a com segunda camada de barro. Pois, apezar de tantas, e tão pueris precauções, o somnabulo vê, e dá conta de quanto se lhe apresenta.

Este é o facto que presenciámos, e a que não faremos commentarios; só diremos que entrámos incrédulos, e sahimos convencidos.

Não demos pois como impossivel o que não sabemos explicar; não chamemos absurdo ou pelotica, o que talvez tem de mudar um dia a face da medecina, e revelar-nos altos misterios. »

Quanto a nós, posto que filhos d'este seculo, o mais inventivo de todos, e o mais resplandecente de continuas e inesperadas estranhesas, confessamos que, talvez por isso mesmo, não podemos deixar de nos rir da conversão da *Revista scientifica e industrial.* Este *Mesmerismo* é o Antheo da physica animal; quantas vezes o Hercules do espirito analytico tem dado com elle em terra, tantas tem resurgido com forças novas para o combate. O crescimento das sciencias e artes lhe depara, de tempos a tempos, novos meios para embahir, e o embahir será sempre, como sempre foi, uma industria lucrativa, e, como tal, praticada até por homens superiores. Quaes são os meios por que o somnabulo dá noticia das cousas, de que está separado por uma parede de barro? Ignoramol'os, bem como ignoramos os meios por que um cão faz, perante uma platéa, contas de sommar, e diminuir; o que porem sabemos é que o poder fazer d'um cão um arithmetico, bem que difficil, e talvez impossivel coisa, não é todavia tão impossivel, e absurdo, como o pertender que uma coisa seja e não seja ao mesmo tempo; pois tanto vale o dizer-se que a luz, condição essencial para a visão, passa atravez de certo corpo, sem por elle poder passar. F. A. M. P.

## ANALYSE E COMPOSIÇÃO DO AR.

### *Curiosissimas Experiencias.*

**PARIS.**

32 *Dumas* e *Bussingualt*, Socios da Academia das Sciencias de Paris, fizeram ha pouco numerosas experiencias sobre a analyse do ar. Era com effeito de summo interesse examinar minuciosamente a densidade do oxygenio e do azote; provar que não contém essencialmente o ar senão estes dois gazes, e demonstrar que a sua composição, d'elle, é constante e uniforme. Tanto mais necessario se tornava estabelecer bem esta verdade, quanto alguns chimicos dos mais respeitaveis, entre os quaes *Thompson*, são de opinião que o ar é um composto chymico, em que o oxygenio está para o azote na proporção de 1 para 4. Por outro lado suppõem geralmente os physicos que a composição da atmosphera varia segundo a altura; era pois a analyse do ar da maior importancia para os progressos da sciencia, e foi esse um dos ultimos desejos de Laplace, que legou á Academia a solução do problema. *Dumas* e *Bussingualt* empregaram nesta nova analyse methodos independentes dos antigos, cujos resultados houverão provavelmente sido os mesmos. Nada ha mais simples do que o theor que seguiram. Consistio elle em pesar o oxygenio e o azote, o que se obtém fazendo com que o ar passe por tubos em que perde a humidade, e o acido carbonico, e em que o oxygenio é absorvido por cobre oxidado por uma elevadissima temperatura; e introduzindo depois o azote só em globo de vidro, onde se pesa, com menos de um millessimo de erro, na exactissima balança de *Forlin.*

Estas experiencias, feitas em ponto grande, e infinitas vezes repetidas, confirmaram sempre a seus auctores na opinião que havião formado, sobre a composição do ar, visto que as differenças dadas pelas diversas experiencias se comprehenderam sempre dentro dos limites dos erros a que taes observações devião de estar sujeitas. O seu definitivo resultado foi averiguar-se que o ar normal se compõe de 23 partes do oxygenio em peso, e 17 de azote, por cada 100 partes de ar.

Não pararam aqui *Dumas e Bussingualt.* Julgaram que tambem convinha determinar de novo a densidade d'esses gazes, e depois de havel'o verificado, ficaram convencidos de que não podia adoptar-se a indicada por *Dulong.* A densidade do ar, achada por aquelles celebres physicos foi de 1,1056, o que muito se aproxima da de 1,1057 determinada por *Sausure*, em quanto a de *Thompson* é de 1,111. Procuraram tambem a densidado do azote e acharam-na de 972; *Berselius* e *Dulong* elevam-na a 976, e *Arago* a 970. Segundo os resultados obtidos por *Dumas* e *Bussingualt*, 80 partes do ar, em volume, compõem-se de 20,8 de oxygenio, e 79, 2 de azote.

Tomou-se o ar analysado em um dos mais formosos dias do mez de Abril, no jardim botanico de Paris, e muito importava provar se a composição delle variava muito, como bastantes chymicos pensavão, em consequencia das chuvas, dos ventos, dos gelos, da influencia da respiração dos animaes e da vegetação das plantas, etc. Para esse fim repetiram-se as mesmas experiencias com ar tomado em um dia chuvoso do mez de maio; e achou-se que a quantidade de oxygenio não varia um millessimo, em consequencia da chuva.

O mesmo acontece pelo que toca a altura, o que já *Gay Lussac* havia determinado na sua célebre ascenção aerostatica a 5000 metros de altura, e *Bussingualt* em as numerosas experiencias que fez nos pontos mais elevados da America. *Dalton* havia não obstante emittido uma opinião contraria, isto é, que o ar, nas altas regiões da atmosphera, contém menos oxygenio; mas as analyses feitas por *Brume*, professor em Berne, de ar tomado por elle mesmo a 1950 metros de altura do nivel do mar, na montanha Faulhorne, demonstraram que o ar, n'aquelles sitios elevados, contém 23,010 de oxygenio em cada 100 partes de peso, resultado quasi igual ao que obtiveram *Dumas* e *Bussingualt*, os quaes dão por provado, que é imperceptivel a differença de oxygenio nas diversas alturas.

Para em tudo serem emfim curiosas as experiencias d'estes distinctos naturalistas, examinaram tambem se poderião reconhecer-se as variações por que ha podido passar o ar atmospherico, desde as mais remotas épocas. As antigas experiencias não podião servir para provar a permanente composição do ar, mas determinou-se com bastante exactidão, haverá quatro annos, o peso de um litro delle, o que anda por tres quartilhos, e comparando-o com o actual, vê-se claramente que, se variou neste extenso periodo, tal variação foi pelo menos insensivel.

J. G. S. V.

## PROFUNDIDADE DO OCEANO.

33 Tão util é conhecer a summa alteza das montanhas, como a infima profundidade do Oceano. Entendemos que physicos e geólogos lerão com prazer a noticia das duas bellissimas operações, ha pouco executadas pela fragata franceza *Venus*; uma nas immediações de Cabo de Horn, e outra junto á Linha, do Mar Pacifico.

No dia 5 de Abril, por 57° de latitude septentrional, e 85° 7' de longitude occidental de Paris, a 185 legoas maritimas a O. do Cabo de Horn, e 140 da mais proxima terra, com formosissimo tempo, e calmaria pôdre, se principiou, ás 9 horas da manhã, a lançar ao mar um cabo com o prumo ordinario das sondas, e um *Thermometrógrafo* de *Bunten*, dentro de um estojo cilindrico de latão, de trinta e tres millimetros de diametro interior, e quinze millimetros e meio de grossura. A's 9 horas e 53 minutos da manhã tinham-se lançado cousa de duas mil e quinhentas braças de cabo. Reduzindo-as á linha vertical, calculando uma inclinação media de 15°, determinada pela parte do cabo que sobresahia ás aguas, e suppondo este em uma direcção rectilinea averiguou-se haver o prumo descido 2411 braças. Quando chegou á superficie da agua, depois de executada a operação por sessenta marinheiros, o que levou passante de 2 horas, reconheceu-se que não havia chegado ao fundo; tem por consequencia o mar, n'aquella paragem, mais de 2411 braças de profundidade.

Fez-se com o mesmo escrupulo, e em circumstancias igualmente favoraveis, a segunda operação, a 27 de Junho, em o Mar Pacifico, pelos 4° 32' de latitude austral, e 136° 56' de longitude occidental, a 220 leguas maritimas ao Sul das Ilhas *Bunker*, e deu quasi o mesmo resultado.

Tudo nos authorisa pois a acreditar que se o mar seccasse, se encontrariam por lá immensas cavernas, e sumidos valles, tão inferiores á superficie geral dos continentes, quanta é a altura dos mais alterosos cimos dos Alpes.

F. P. C.

## ESTATISTICA DA ESPECIE HUMANA.

*Notavel desproporção entre a materia de que é formada, e sua potencia intellectual.*

34 Habituados desde a infancia a admirar o poder espantoso da nossa especie, a qual, espalhada sobre a vasta superficie do globo, della se apossou, fazendo-a servir em seu proveito, e quasi mudando a sua face, devemos suppor que a totalidade de semelhantes entes deve ser formada de uma avultada porção das moleculas materiaes de que se compõe essa mesma superficie; ou, em outros termos, que a massa que constitue a raça humana deve ser de algum vulto sobre a superficie do nosso planeta.

Os singelos calculos que se seguem prova-

rão o contrario, demonstrando que toda a raça humana que habita o globo é um atomo, comparada com o volume de qualquer pequeno espaço dessa mesma superficie, em que ella impéra; e se por uma parte esta indagação abate o nosso orgulho, por outra eleva nossa alma a sublimes considerações sobre o maravilhoso poder do author da natureza, a quem, com um atomo da materia de um dos mais pequenos globos do universo, approuve formar um ente capaz de obrar tantos prodigios sobre esse mesmo planeta, cuja superficie domina, revolve, e percorre em todas as direcções, com maravilhosa rapidez, cobrindo-a de formosas e vastissimas cidades, aplainando, ou escavando as montanhas, dirigindo o curso das torrentes, impondo limites aos furores do oceano, ou transformando vastissimas selvas em deliciosas e productivas campinas, aformoseadas com os encantos da mais escolhida vegetação; e outras vezes, possuido de um vertiginoso frenezi, cifra toda a gloria da sua intelligencia em destruir e ensanguentar os fructos da sua mesma industria, accumulados por muitos seculos e gerações. Este mesmo ente, que umas vezes tanto brilha pelas suas virtudes, e saber, e outras tanto se escurece pela mais brutal ignorancia, e perversidade, dotado porém de uma intelligencia que a natureza negou á materia destituida da fórma humana, não satisfeito com o imperio da terra, ousa medir os incommensuraveis espaços celestes, em que voam com espantosa velocidade milhões de globos giganteos, e descobre o segredo das leis que os regem.

Vejamos pois qual é o espaço, ou cantinho da terra em que habitamos, sufficiente para alojar commodamente toda a especie humana que ora existe.

Ao nosso antigo amigo, o illustre geógrafo *Adriano Balbi*, devemos as mais exactas averiguações ácerca do numero total dos individuos que actualmente povôam a superficie da terra (*Veja-se o seu excellente Compendio de Geografia Universal*); dellas consta que a Europa contém 222 milhões de habitantes; a Asia 400; a Africa 80; a America 30; e a Oceania outros 30; fazendo o total de 762 milhões. Para maior segurança do nosso calculo fixaremos em 800 milhões o numero de individuos, que se acham diversamente distribuidos sobre 4,186,000 leguas quadradas de 20 ao grão (2525 braças cada uma), que tanto contém a superficie terrestre do globo, restando 12,316,000 leguas quadradas para o dominio dos mares.

O espaço que occupa um individuo adulto, de estatura ordinaria, estando em pé, tem de frente 2 palmos — largura de hombro a hombro — e palmo e meio de grossura do tronco, desde o peito até ás costas, ou 3 palmos quadrados de superficie; mas para maior folga, daremos tambem 2 palmos a esta dimensão, e será o total da superficie occupada por cada individuo adulto de 4 palmos.

Ora uma legua maritima, ou geográfica, de 20 ao grão, contém 25,250 palmos, e admitte portanto, postados em linha, 12,625 individuos. Supponda outras 12,625 linhas, ou fileiras, collocadas parallelas á primeira, teremos que uma legua quadrada conteria commodamente 159,390,625 individuos.

Se calcularmos porém segundo as verdadeiras dimensões, que são dois palmos de frente, e um e meio de fundo para cada individuo, o que ainda deixaria sufficiente folga á columna, pois nesta massa seriam comprehendidos todas as mulheres e menores que occupam muito menos espaço, segue-se que a mesma legua quadrada de 2,525 braças de lado, poderia contêr os 12,625 individuos de frente, e 16,833 de fundo; ou na totalidade 212,516,625, que é com pouca differença a população total da Europa, que existe dividida em 65 governos, ou nações independentes.

Adoptada esta ultima hypothese, segue-se que a totalidade da especie humana se poderia reunir commodamente em uma columna, ou massiço quadrado, que tivesse 24,500 individuos de frente, e 32,666 de profundidade; ou em um quadrado que tivesse pouco mais de 4,900 braças de lado, o que não chega a 2 leguas; e rigorosamente fallando, a superficie necessaria para contêr toda esta multidão seria de 3 leguas quadradas, e 3 quartos ou um espaço sete vezes maior do que aquelle que occupa a cidade de Lisboa.

A praça do Rocio desta cidade tem 90 braças de comprimento sobre 45 de largura, ou 4,050 braças quadradas. — Na primeira hypothese, dando 4 palmos quadrados a cada individuo, poderia contêr aquelle espaço muito á vontade, e sem aperto, 100,000 individuos; e por consequencia a população total de Portugal poderia collocar-se commodamente em um espaço equivalente a 32 praças semilhantes á do Rocio. A povoação da cidade de Lisboa póde ser mettida na Praça do Commercio, cuja superficie é dupla daquella.

Fica pois demonstrado que a materia terrestre, transformada em individuos da especie humana, apenas occuparia um espaço, que se póde qualificar de infinitamente pequeno a respeito da vasta superficie de qualquer reino, ou até de uma pequena provincia; e se reflectirmos que a elevação dessa massa ape-

nas chegaria a 7 palmos e meio de altura, que é a media de qualquer adulto, não poderemos deixar de reconhecer que um bosque mediano contém em seus densos e elevados arvoredos maior porção de moleculas terrestres do que toda a especie humana reunida!!!

Mas ainda subirá de ponto a nossa admiração se considerarmos o volume total dessa mesma materia humana; pois é sabido que o peso ordinario de um homem de mediana corpulencia não excede a 5 arrobas, ou 160 arrateis. Ora um palmo cubico de agua salgada pesa um pouco menos de 24 arrateis; e se a densidade media da materia solida e liquida de que é formado o corpo humano, tivesse a gravidade especifica da agua salgada, seria o seu volume equivalente a 6, 7 palmos cubicos; porém sendo a gravidade especifica da materia humana um pouco maior, e pertencendo metade da especie ao sexo feminino, e uma quarta parte aos menores com menos de 10 annos, não seremos exaggerados suppondo que cada um dos individuos existentes contém 5 palmos cubicos de moleculas terrestres; e por consequencia a totalidade da especie quatro mil milhões de palmos cubicos.

Vejamos finalmente qual seria a escavação que poderia contêr toda esta materia, e com assombro ficaremos convencidos ser tão diminuta, que bem poderá denominar-se uma pequena pôça!

A largura média do Téjo, desde *Cacilhas* até ao *Cães da pedra* é de 900 braças; e se mantem igual com pequenas differenças até á torre de Outão; a sua profundidade média é de 15 braças. Suppondo estas mesmas dimensões continuadas ao longo das duas margens na extensão de 300 braças, que é a distancia que medêa entre os sobredictos caes do *Terreiro do Paço*, e do *Sodré*, teremos que o vazio, ou fosso, circumscripto por estas tres dimensões, e occupado por uma tão diminuta porção das aguas do rio, terá uma capacidade de 4,050 milhões de palmos cubicos, ou mais do que é necessario para conter toda a materia terrestre que hoje fórma a totalidade da especie humana existente sobre a terra, e que, pela sua força intellectual, tem coberto o globo com as maravilhas da sua industria.

M. M. F.

## TAMBEM EM PORTUGAL HA MACROBIOS.

35 Na freguezia de Alfarellos, concelho de São Varão, districto de Coimbra, nasceu em 23 de Setembro de 1716 Maria Rodrigues de Oliveira, e morreu no dia 11 de Maio ultimo, ás 3 horas da tarde, havendo percorrido a longa carreira de 124 annos, 7 mezes, e 17 dias. Conservou sempre em bom uso as suas faculdades intellectuaes, e nunca deixou de ir á missa a pé até o extremo da sua vida. Afora alguns poucos annos, em que na sua mocidade serviu como criada no Louriçal, passou todo o mais tempo na sua terra natalicia, em uma casa terrea de telha vã, não assoalhada, situada n'um oiteiro, o mais elevado e frio do seu concelho. O seu vestuario usual era de baeta e estamenha; a sua comida pão da milho, simples, ou misturado com centeio, e papas adubadas com azeite, legumes, hortaliça e sardinha; bem raras vezes comeu carne, e bebeu vinho. Foi casada, teve alguns filhos, e sobreviveu a seu marido. Esta mulher talvez fosse a *decana* de todos os portuguezes da época presente.

Em Aguadalta, freguezia de Teixeira, concelho de Fajão, do mesmo districto, logar montanhoso e muito frio, ainda vive, e trabalha na sua casa, Maria Nunes, que tem 110 annos de idade. Conserva em bom estado as suas faculdades intellectuaes. É de um genio jovial, e bem poucas vezes se tem affligido. Foi casada, e teve filhos: hoje é viuva. Suas comidas são pão de milho, legumes, carne de porco, e sardinha; sempre bebeu, e ainda bebe, vinho em pequena quantidade.

A 6 de Janeiro ultimo falleceu na freguezia de Lagarei, do concelho d'Oliveira do Hospital, do districto de Coimbra, Manoel José d'Unhão, com 109 annos de idade. Foi casado com duas mulheres, ás quaes sobreviveu, não deixando filhos. Passou os primeiros annos da sua vida nos trabalhos da lavoura. Com o seu primeiro casamento passou a poder viver sem trabalhar, e na sua segunda viuvez ficou reduzido a extrema pobresa, em que passou por bastantes privações. Os seus alimentos variaram segundo os seus haveres; bebia vinho em muita quantidade. Era muito direito de corpo, leu, e escrevau sempre sem óculos, e conservou os sentidos sem defeito algum, e as faculdades intellectuaes em bom estado, até o fim da vida. Uma sarna, a que resistiu durante seis annos, lhe abbreviou uma existencia, a que o estado de vigor de suas forças, e natural robustez, promettiam maior duração.

Existe outro macrobio na freguezia de São Thiago da cidade de Coimbra, cujo nome por delicadeza omitto; tem 101 annos de idade, e, apezar d'uma vida estragada, e muitas doenças siphyliticas, ainda se acha n'um estado de robustez, que inculca duração de largo

tempo. De todos estes Macróbios existem documentos curiosos na Secretaria da Administração Geral de Coimbra, que provam o que fica referido.

Além destes ha outros individuos que se inculcam, e são geralmente havidos, por centenarios, porém que não vão aqui mencionados, por não havermos ainda documentos authenticos que irrefragavelmente o provem.

Se nos outros districtos de Portugal houvesse curiosidade de colligir com exactidão o numero, e a idade, dos Macrobios que por lá existem, talvez que se mudasse de conceito ácerca da duração da vida entre nós, pois tambem por cá temos vidas de milagrosa longevidade.

Coimbra 31 de Dezembro de 1841.

A. J. V. S. R.

Não é com o simples fim de satisfazer a curiosidade, que muito desejariamos ver multiplicar-se as observações sobre os nossos macrobios, insistindo essencialmente sobre o modo de vida, sustento, e mais particularidades, de cada um d'elles em particular: de todos esses factos, e observações reunidas, se deduziria talvez uma importantissima consequencia, isto é, assentar sobre uma base fixa, e demonstrada pela experiencia, o modo de prolongar a vida o mais possivel. O problema é de tal natureza que a todos importa; e se a imprensa periodica fôr progressivamente apresentando os exemplos de longevidade que occorrerem pelas nossas terras, demorando-se particularmente nas observações a que acima nos referimos, é possivel que reunindo-os todos, d'aqui a alguns annos se possa affoutamente estabelecer, sobre tal objecto, doutrina, que todos recebam com prazer e agradecimento.

Os Srs. Parochos e Curas grandemente poderião contribuir, cada um por sua parte, para esta boa obra, extrahindo da confrontação dos livros dos obitos com os dos baptisados de suas respectivas freguezias, a noticia dos principaes macrobios, que n'ellas houve, e ajuntando-lhe ácerca de cada um, todas as informações, que por si tivessem, ou pela tradição dos seus parochianos podessem alcançar; pelo menos ácerca da profissão e estado do sujeito, da natureza especial do sitio de sua residencia, do seu modo de vestir, de comer, de beber etc. A Redacção.

## INSTITUTO BENEMERITO.

### MADRID.

36 Com este mesmo titulo publicámos, em o nosso art. 133, do Tomo precedente, o louvavel empenho do governo hespanhol em estabelecer pela melhor fórma, na capital d'aquelle reino, um azilo, onde fossem alimentados, e instruidos, os cégos: para este fim, tão cheio de caridade, sahio de Hespanha *Ballesteros*, Director do Collegio de surdos-mudos, e se passou á França e á Belgica, a visitar, e estudar os estabelecimentos deste genero. Hoje sabemos, que já é tornado a Madrid, e a *Revista de Galliza* nos informa do muito, que montou esta viagem, não só para *Ballesteros* adquirir os mais ajustados conhecimentos concernentes a este objecto, mas em muitos outros pontos de publica utilidade. Acompanhado de *Ramon de la Sagra* correu, e examinou, os melhores estabelecimentos da França, e alguns da Belgica; Institutos de mudos, e surdos; casas correccionaes; a colonia de moços criminosos junto de Tours; mercados publicos, e infinitas outras cousas, de cujo exame, e miudo conhecimento, colheram os dois viajantes um grandissimo cabedal de noticias, com que voltáram ricos ao seu paiz dentro de tão pouco tempo, como se está vendo. Por esta forma conseguirá a Hespanha organizar os seus estabelecimentos de cégos, surdos, mudos, e outros de publico interesse, e entabolar a melhor ordem administrativa, e economica, por modo que não haja ahi que invejar ás nações mais civilisadas. Por certo que é assim, e só assim, que as nações podem adquirir o verdadeiro adiantamento; estes progressos desejáramos nós ver em o nosso paiz; nem lhe citamos agora os exemplos de nações poderosas e opulentas; é a nossa visinha, como nós, e mais que nós, affligida pelo flagello das guerras civis, e descahida do antigo estado de sua grandeza, e opulencia; é a Hespanha, que nos está dizendo (e dando a maior prova do que nos diz), que mais faz quem quer, que quem póde. — Muitas coizas boas poderamos nós, se houvesse um querer bom, constante, e efficaz; porem se esta condição nos fôr faltando, iremos de mal a peor, por mais que pertendão doirar de palavras, e de sentenças agudissimas, a nossa miseria, e atrazamanto.

F. M. P. S. N.

### SCHELLING — ALLEMANHA.

37 Muitos de nossos leitores terão noticia, e não poucos talvez especial conhecimento das doutrinas philosophicas do allemão Kant. Não julamos porém igualmente conhecidas as consequencias, que tiraram, e as applicações especiaes, que fizeram, de suas doutri-

nas alguns dos mais celebres discipulos do professor de Koenigsberg. — Fichte, Herder, e Schelling, cada um por seu modo, ou conforme a sua indole especial, modifica, e desenvolve os principios capitaes da *Critica da Razão pura.* — Schelling, de quem neste pequeno artigo promettemos dizer duas palavras, é hoje o Nestor dos philosophos de Allemanha; é professor de philosophia e presidente da Academia das Sciencias de Munich, na Baviera. Applicou os principios da philosophia Kantianna ao estudo das sciencias naturaes; e os cultores destas sciencias sabem a revolução, que isto nellas produziu, e quão parenta se torna a physica, assim tratada, da physica peripatetica das *quididades* e *qualidades* occultas. — Não é porem Schelling homem de se contentar com tão pouco. Fraca lhe pareceu a victoria da sua razão, se sómente avassallasse a natureza physica: não descançou, em quanto não prendeu ao carro do seu triumpho nada menos do que a propria revelação! sim, a propria revelação! — Em Berlim, aonde com licença d'ElRei de Baviera foi o celebre Professor passar ultimamente o inverno, começou as suas lições sobre a *Philosophia da Revelação.* A philosophia da Revelação é a explicação dos mysterios revelados, sem outro auxilio mais, do que o da razão humana.

Esta novidade, a maior por certo, que tem entrado em cabeça de philosopho, faz hoje grande bulha em Allemanha. Todavia quem tiver meditado um pouco na historia da philosophia, que é o mesmo que dizer, no costumado andar do entendimento humano, não será apanhado de subito com esta grande novidade — O *Tratado das sensações* do sensualista Condillac produziu os livros do materialista Helvecio; da mesma sorte que a *Critica da Razão pura* de Kant foi a matriz da *Philosophia da Revelação* de Schelling — O nosso maior reparo é outro. Porque motivo não saiu Schelling com a sua nova doutrina em Munich, e a guardou muito de proposito para Berlim? Será Berlim ainda a mesma Berlim de Frederico e de Voltaire..? J. H. da C. R.

38 BIBLIOGRAPHIA PORTUGUEZA.

Commentarios á Lei de 19 de Maio de 1832 sobre a competencia do Supremo Tribunal de Justiça, com alguns additamentos sobre a sua organisação, e outros, que servem de continuação a este tratado, pelo Conselheiro J. D. M. Ferraz, juiz da Relação; 1 vol. em 8.° broch. preço 200 rs. Vende-se aos Martyres n.° 45.

Sahio á luz — O Cathecismo da Doutrina Christã, contra os erros do tempo presente, no qual se prova com clareza e evidencia a divindade e antiguidade da Religião Christãa; se explica diffusamente os seus dogmas e preceitos; e se refutam os erros dos incredulos e herejes contra os dogmas catholicos, os sacramentos, o culto divino, a Igreja, e os bons costumes — Um Volume em 4.° — Vende-se na Rua do Ouro n.° 4, e Rua Augusta n.° 2. Preço em brochura 600 réis, e encadernado 760. —

Chronica Juridica — tem-se publicado por assignatura até N.° 15. — Preços da Collecção de 1840, 600 réis; de 1841 por diante 480 réis por anno. — Assigna-se em Lisboa, rua Augusta N.° 1; Porto, Caldeireiros, N.os 11 e 12; Coimbra, Loja da Imprensa da Universidade; Braga, em casa do Sr. A. J. G. Costa Carvalho, rua do Anjo.

Repertorio annual da Legislação — assigna-se e vender-se-ha nas mesmas Lojas de Livros. — Preço da assignatura 360 réis; de venda 480 réis. — O 1.° vol. comprehende desd'onde termina o Repertorio do Sr. Alypio até fim de 1841: publicar-se-ha com brevidade.

39 FRANCEZA.

Progresso social da Europa. Opiniões de um Grego sobre os acontecimentos do Oriente, por M. N. S. de Commène.

Sobre a colonisação d'Africa por M. Lheman.

Sobre a Abolição da escravatura nas colonias inglezas.

Resumo da historia da Philosophia, publicado por Salinis e Scorbiac.

Ensaio sobre a historia da philosophia em França no seculo XIX, por Damiron, Professor na Faculdade de Letras de Paris.

Curso de historia da philosophia moral no seculo XIII, por V. Cousin.

Historia da philosophia allemã desde Leibnitz até Hegel, pelo Barão Barchou de Penhoen.

Obras philosophicas de José Droz, Membro da Academia Franceza, e da Academia das Sciencias moraes e politicas.

Elementos geraes da historia comparada da philosophia, da litteratura, e dos acontecimentos publicos, desde os tempos mais remotos até hoje, por Arnoult.

Tratado da legislação dos trabalhos publicos em França.

A França litteraria, ou diccionario bibliographico dos sabios, historiadores, e homens de letras de França, bem como dos litteratos que em paizes estrangeiros tem escripto em francez desde 1700 até 1826 inclusivè, acompanhada de noticias litterarias, historicas, e bibliographicas, por J. M. Querard.

Esboço das harmonias da creação, ou as sciencias naturaes estudadas do ponto de vista philosophico e religioso, e na sua applicação ás artes e industria, por L. F. J. Chan.

Educação da humanidade, por Gotthold de Ephraim Lessing, por P. S. B. C.

Organisação geral, ou verdadeiras condições para o futuro feliz de todos quantos trabalhão, por M. Camus.

TYPOGRAPHIA DA GAZETA DOS TRIBUNAES.
*Rua dos Fanqueiros n.° 82.*